

A dialética entre redes e grupos no campo da comunicação midiática na Amazônia¹

Fábio Fonseca de Castro

Introdução

O campo da comunicação, tal como discutido por Duarte Rodrigues (1990) constitui-se como um espaço heterogêneo, multifacetado, no qual lógicas sistêmicas não obliteram microdisputas hegemônicas. Ou, de outra forma dizendo, um espaço onde a lógica da rede não invalida a existência de poderes menores – de poderes menos potentes, se assim podemos dizê-los – cujos interesses, ainda que ordenados, nominalmente, segundo interesses maiores, fazem sua luta – econômica, política e simbólica – com, justamente, esses interesses maiores.

Porém, é preciso observar melhor, talvez contextualmente, essas microdisputas hegemônicas. Ou, mais especificamente, as contradições presentes da tensão entre redes e grupos, entre geradoras e afiliadas, entre matrizes metropolitanas e repetidoras periféricas, para que se entenda melhor a lógica do campo midiático.

O que procuramos, com este artigo, é observar as relações macroestruturais entre as redes nacionais de televisão e os grupos regionais de comunicação do espaço amazônico. Partimos de um detalhamento, ou melhor, de um mapeamento, da presença dos grupos midiáticos nacionais na região Norte do Brasil, procurando observar como se dá sua conexão aos grupos locais. Nossa intenção é descrever o sistema midiático amazônico e discutir seu papel nas variações do campo. Tratar-se-ia, a princípio, de uma dialética da relação entre rede e grupos, sendo necessário fazer, de partida, uma distinção entre ambos, para o que nos adequamos à definição utilizada pelo projeto “Donos da Mídia”. Rede de comunicação seria o “conjunto de emissoras de rádio ou de TV que transmitem, de forma simultânea ou não, uma mesma programação gerada

a partir de uma ou mais estações principais” (Donos da Mídia: s/ref) e grupo de comunicação seria um “conjunto de duas ou mais empresas controladas por uma mesma entidade empresarial ou governamental. Pode ter atuação nacional, no caso daqueles que controlam redes de TV ou de rádio, ou regional, para aqueles que atuam em até dois estados” (Donos da Mídia: s/ref). De acordo com dados do projeto, há 34 redes de TV no Brasil, as quais estruturam o sistema midiático do país, controlando, direta ou indiretamente, os principais veículos de comunicação. Em relação aos grupos, há 41 grupos de abrangência nacional e 142 grupos de abrangência regional.

Outra distinção necessária seria entre duas condições sistêmicas possíveis. A primeira condição é puramente nominal: pressupõe um funcionamento ideal do sistema, segundo seu fluxo hierárquico. É uma condição presente enquanto forma, enquanto modelo, constantemente evocada para ordenar a ação midiática das camadas inferiores da rede. Porém, não é uma condição prática, na medida em que o sistema da comunicação raramente deixa de ter conflitos. A segunda condição sistêmica, portanto, é a da prática, na qual se dá a luta hegemônica de intermediação de poder entre a lógica da rede e a lógica do grupo.

Em relação à forma como se interpreta a formação do sistema brasileiro de comunicação, há uma tendência em perceber as relações de poder hierarquizadas como relações absolutas e, portanto, como uma condição sistêmica nominal, enquanto, na verdade, as relações que se produzem no plano da prática são as que efetivamente produzem esse sistema.

Nossa observação procurou compreender a prática das condições sistêmicas da televisão aberta na Amazônia. Em primeiro lugar, construímos o mapeamento do sistema amazônico de comunicação. Fizêmo-lo a partir de dados disponibilizados pelo projeto de pesquisa “Donos da Mídia”, em site de mesmo nome. Em seguida, cruzamos esse mapa com informações mais específicas sobre as relações de poder havidas dentro desse sistema, colhidas por meio do projeto de pesquisa “Geopolítica da Comunicação na Amazônia” e procuramos construir uma interpretação a respeito. O artigo constitui uma síntese dessa observação.

Descrição da situação

Pode-se descrever a presença das redes nacionais, na Amazônia, de maneira objetiva, observando-se, basicamente, dois aspectos estruturais, tendo por ponto de partida sua estratégia empresarial: sua estrutura própria na região e a estrutura sistêmica dos grupos regionais afiliados.

Consideremos a presença das grandes e médias redes nacionais, na região, observando esses aspectos. Por grandes redes compreendemos aquelas que possuem a) produção própria de conteúdo, b) presença em diversos estados da União e c) número superior a 500 estações de televisão retransmissoras (RTVs) afiliadas.

Por redes médias, compreendemos aquelas que possuem a) produção própria de conteúdo, b) presença em alguns estados da União e c) número inferior a 500 estações de televisão retransmissoras (RTVs) afiliadas. Consideramos, dessa maneira, que há cinco grandes redes de televisão no país – Globo, Record, SBT, Band, Rede TV! – e de diversas redes médias.

Faz-se necessário esclarecer a diferença entre as estações de televisão “geradoras” (GTVs) e as estações “repetidoras” (RTVs). Uma GTV é emissora capaz de inserir conteúdo local ou distribuir programação de uma rede, podendo também ser chamada de “emissora de TV”. Uma RTV, por sua vez, é uma estação de retransmissão de sinais de televisão, capaz de redistribuir a emissão de geradoras ou de captá-la por meio de satélite (Donos da Mídia). Normalmente, as RTVs não desenvolvem conteúdo próprio. No caso das RTVs situadas na região amazônica, no entanto, é permitido que gerem até 30% de sua programação, o que faz delas, potencialmente, GTVs parciais. Essa condição é central nas relações de poder que se estabelecem entre as redes nacionais e os grupos locais.

Observemos a materialidade desses sistemas.

A presença da Rede Globo na Amazônia

Dos 69 veículos que o grupo possui, dentre jornais, revistas, geradoras de TV e estações de rádio, apenas nove não se localizam na região Sudeste do Brasil (TV Globo de Brasília; TV Globo de Recife; Rádio CBN Brasília; NET Paraná; NET Recife; rádio Novo Tempo AM, em Vera Cruz, Bahia; TV a Cabo de Criciúma-SC; TVC do Paraná e Videomar rede Nordeste, em Fortaleza-CE). A Globo possui uma estrutura diminuta de RTVs próprias, apenas 28, das quais apenas seis fora do Sudeste, sendo quatro em Pernambuco e duas no Distrito Federal. Seu modelo de negócios privilegia a afiliação de grupos regionais. São 35 grupos afiliados, com 3.305 RTVs. Obviamente, há uma tendência de que os grupos regionais afiliados sejam grupos regionalmente dominantes. Dessa maneira, não há estrutura própria na região e os grupos locais afiliados são poucos, apenas quatro:

- ORM (13 veículos, dos quais apenas uma geradora de TV, com 19 RTVs; uma empresa de TVA – ORM Cabo, em Belém e dois suportes TVC – ORM Cabo Belém e ORM Cabo Anananindeua).
- Amazônica (13 veículos, dos quais cinco GTVs, com 191 RTVs nos estados do Amazonas, Acre, Roraima, Rondônia e Amapá; uma empresa de TVA – Amazonsat Manaus; um suporte DTH e um suporte de TVC – Amazon Cabo, em Porto Velho).
- OJC - Organização Jaime Câmara (Dez GTVs, sete das quais em Goiás e três no Tocantins; 149 RTVs, das quais 63 se localizam no estado do Tocantins).
- Tapajós (Uma GTV em Santarém, Pará e 16 RTVs, todas nesse estado).

Observando-se essa composição, encontra-se três fatos sistêmicos importantes: em primeiro lugar, uma tendência de concentração, afinal, quanto menos fatores internos intervenientes no processo da rede, mais funcional será o fluxo. Dessa maneira, um único grupo, a Rede Amazônica, sediada em Manaus, reproduz a Globo em cinco dos sete estados da região (Amazonas, Acre, Rondônia, Roraima e Amapá). As consequências disso são uma relativa centralização dos processos discursivos presentes no conteúdo produzido pelo grupo e sua atuação de forma coesa em relação aos interesses do grupo e, quando é o caso, da rede.

O segundo fato sistêmico importante é o inverso dessa situação quando se chega ao estado do Pará, que possui dois grupos afiliados à Globo: a Rede Tapajós de Comunicação, sediada em Santarém e que reproduz a rede para o Baixo Amazonas e parte da Transamazônica e as Organizações Rômulo Maiorana, sediadas em Belém e que reproduzem a rede em todo o leste do estado – aí incluindo o nordeste paraense, o Marajó, o Baixo Tocantins, o sul e o sudeste do Pará (Marabá e Parauapebas) – e em parte do oeste paraense – o sudoeste (região de Itaituba) e parte da região da Transamazônica (Altamira). Desse fato decorrem algumas situações curiosas, como por exemplo o telejornalismo da emissora não possuir um único jornal estadual, mas dois. E essa situação é ainda mais fragmentada quando se observa que há regiões do estado em que o sinal da TV Globo é recebido de outros grupos: o oeste do Marajó é alcançado pelo canal da Rede Amazônica de Macapá e parte do sul paraense capta o sinal da Rede Anhanguera, do Tocantins. Enfim, o terceiro fato sistêmico decorre de o grupo afiliado no estado do Tocantins ser sediada no estado de Goiás e de possuir, por isso, uma percepção geopolítica voltada para o Centro Oeste e não para a Amazônia, o que resulta em práticas discursivas diversas das havidas no restante da região e, eventualmente, num foco político-econômico que não se adequa à soma de esforços produzidos pelos demais grupos regionais em torno das questões amazônicas. Isso se explica pela própria origem do estado do Tocantins, que, antes de ser separado do de Goiás, pertencia, com este, à região Centro Oeste do país.

É na estrutura hierarquizada em rede da Globo que se observa o maior conjunto de veículos regionais associados a um projeto midiático de poder. Independentemente dos muitos atritos decorrentes da própria concorrência entre esses veículos, ou da concorrência eventual entre a estrutura de rede e os interesses do grupo, vê-se, nessa estrutura, no plano nacional, nada menos que 33 jornais diários, por exemplo; ou nove operadoras de TV paga; ou ainda um conjunto de 52 rádios AM, 76 FMs, 11 OCs. No plano regional, essa estrutura é mais modesta, mas proporcional ao jogo de poder midiático local, afinal os grupos regionais afiliados à Globo acabam estando entre os mais influentes da cena regional. A lacuna, talvez, seja a ausência de um jornal impresso no estado do Amazonas, já que a afiliada local, a Rede Amazônica, não atua nesse setor.

A presença da Rede Record na Amazônia

A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) controla três grupos de televisão e um de rádio: a Rede Record, a Record News, a Rede Família e a Rede Aleluia de Rádio. A IURD possui 18 GTVs, sendo seis em São Paulo, três em Santa Catarina, duas no Rio de Janeiro, duas na Bahia e uma no Pará, Minas Gerais, Distrito Federal, Goiás e Rio Grande do Sul. Delas, 14 geram a Rede Record, três a Record News e uma a Rede Família. O grupo também possui 287 RTVs próprias, das quais apenas duas estão na região amazônica, uma em Manaus e outra em Macapá, ambas retransmitindo a Record News. Há 30 grupos afiliados à IURD. Juntos, eles possuem 870 RTVs.

Na Amazônia, o grupo possui uma GTV, em Belém, que gera a programação da Rede Record, possuindo importante estrutura de jornalismo e um sistema gerador de qualidade superior à média regional. De fato, Belém acaba se tornando o ponto avançado da Record na Amazônia, havendo o projeto de expandir o centro de produção local de forma a torná-lo uma célula de produção que alcance toda a região. Esse fato, associado aos investimentos recentes, dá à emissora uma vantagem competitiva notável no estado do Pará, tornando a Record um *player* proeminente tanto na cena econômica como na cena política, o que a habilita a ampliar a estrutura de afiliadas na região. De fato, nos últimos anos, o escritório da rede em Belém tem se esforçado para fazer com que as RTVs do interior do Pará que possuem melhores condições técnicas de repetição e que estejam afiliadas a outras redes, rompam seu contrato anterior e passem a repetir o sinal da Record ou da Record News. É uma estratégia agressiva, que tem provocado várias situações de tensão, mesmo porque o movimento possui consequências na vida política dos municípios, com repercussão nos interesses partidários a nível estadual.

Na Amazônia, a Record possui um leque variado de afilições. São oito os grupos locais que reproduzem seu sinal:

- Grupo Calderaro de Comunicação (Sua única GTV, A Crítica, sediada em Manaus, reproduz a Rede Record. O grupo também possui 34 RTVs, mas, curiosamente, nenhuma delas repete a Record).
- Grupo Siqueira Campos (17 RTVs no Tocantins, das quais sete repetem a Rede Record).
- Rede Marco Zero de Comunicação (Uma RTV, que repete a Record no Amapá).
- Grupo Floresta (17 RTVs no Pará, das quais apenas uma repete a Record).
- Grupo Imperial (Uma RTV, em Boa Vista, que repete a Record).
- Grupo Eraldo Trindade (Quatro RTVs no Amapá, três das quais repetem a Rede Record).

- Grupo Rede de Comunicação Regional (RCR) (16 RTVs no Pará, três das quais repetem a Record, nas cidades de Marabá, Parauapebas e Xinguara).

A presença do SBT na Amazônia

Em nível nacional, o Sistema Brasileiro de Televisão possui 10 GTVs, quatro delas recebidas do regime militar como parte do espólio da antiga Rede Tupi. O SBT possui 37 grupos afiliados, no país, que somam 195 veículos, com 1.441 RTVs.

Na região, o grupo possui uma única empresa, sua GTV em Belém, antiga TV Marajoara, fundada em 1959 pelos Diários Associados e que foi a primeira emissora de televisão da Amazônia. Essa emissora tem uma atuação local semelhante à da Record, porém bem menos agressiva. Sua estrutura de jornalismo procura abastecer a rede nacional com material regional e seus administradores procedem, geralmente, do departamento comercial da sede do SBT, em São Paulo. Porém, a emissora tende a não interferir no jogo político estadual, mantendo interesses puramente comerciais.

Na região, os grupos locais afiliados são os seguintes:

- Sistema Boa Sorte (Uma GTV em Araguaína, Tocantins e três RTVs nesse estado, todas elas repetindo o SBT).
- Sistema de Rádio e Comunicação Digital, associado ao Sistema Meridional de Comunicação (Uma GTV em Porto Velho, a TV Allamanda, que repete o SBT e 31 RTVs em Rondônia, das quais 14 também repetem o SBT).
- Grupo Calderaro de Comunicação (Uma GTV em Manaus, que é afiliada à Rede Record. Porém, o grupo também possui 34 RTVs, das quais 33 repetem o SBT).
- Grupo Raman Neves (Uma GTV em Manaus, a TV Em Tempo, e três RTVs, reproduzindo o SBT).
- Grupo Marco Zero (Uma GTV, em Macapá, afiliada ao SBT. Porém, o mesmo grupo possui uma RTV, também localizada em Macapá, que, no entanto, repete a Record).
- Grupo Floresta (14 RTVs no Pará, das quais 11 repetem o SBT).
- Grupo Tropical (Uma GTV em Boa Vista).
- Sociedade Acreana de Comunicação Fronteira (Uma GTV em Rio Branco).
- Grupo Ponta Negra (12 RTVs no Pará, das quais sete repetem o SBT).
- Grupo Vale do Xingu (Uma RTV em Altamira, Pará).
- Rede de Televisão Cidade (Duas RTVs, uma delas repetindo o SBT no interior de Rondônia).
- Grupo Boa Sorte (Quatro RTVs no Tocantins, três das quais repetem o SBT).

- Rede de Comunicação Regional (RCR) (19 RTVs no Pará, duas das quais retransmitem o SBT).
- Grupo Difusora (Esse grupo maranhense tem 62 RTVs transmitindo o SBT, todas elas no Maranhão com exceção de uma, localizada no município de Araguanã, no Tocantins).

A presença da Band na Amazônia

O grupo Bandeirantes, fundado em 1967, possui 47 veículos e 218 RTVs próprias. A rede tem 22 grupos afiliados, com 1.209 RTVs. Na Amazônia, não possui nenhum veículo próprio, estando presente por meio de seis grupos regionais. É uma presença relativamente fraca, com destaque para as geradoras de Belém e Manaus. Os grupos unidos na rede são os seguintes:

- Sistema de Rádio e Comunicação Digital / Sistema Meridional de Comunicação (Uma GTV em Porto Velho, Rondônia. De suas 31 RTVs, onze repetem o sinal da Band).
- Rede Brasil Amazônia de Comunicação (Duas GTVs no Pará, uma em Belém e outra em Marabá, reproduzindo a Band. O sinal também é repetido por três de suas seis RTVs).
- Sistema de Comunicação Francisco Garcia (Grupo Rio Negro de Comunicação) (Uma GTV em Manaus e 17 RTVs no interior do Amazonas).
- Sistema Gurgacz de Comunicação (Repete a Band em uma de suas 12 RTVs localizadas em Rondônia).
- Grupo Siqueira Campos (Repete a Band em 10 de suas 17 RTVs localizadas no Tocantins).
- Sistema Floresta de Comunicação (No Pará, repete a Band em três de suas 16 RTVs).

A presença da Rede TV! na Amazônia

Sucessora da Rede Manchete – por sua vez sucessora da Rede Tupi em cinco RTVs – possui 21 grupos afiliados, com 673 RTVs. Não possui nenhum veículo próprio na Amazônia. Os grupos locais afiliados são os seguintes:

- Rede Ajuricaba de Comunicação (Possui 88 RTVs, todas no Amazonas, das quais 28 repetem a Rede TV!).
- Grupo Calderaro (De suas 34 RTVs no Amazonas, uma apenas repete a Rede TV!).
- Sistema de Rádio e Comunicação Digital / Sistema Meridional de Comunicação (De suas 31 RTVs em Rondônia, cinco repetem da Rede TV!).

- Rede Brasil Amazônia (De suas seis RTVs no Pará, três repetem a Rede TV!).
- Sistema Gurgacz de Comunicação (Possui 12 RTVs em Rondônia, 11 das quais repetem a Rede TV!).
- Sistema Beija-Flor de Radiodifusão (Uma GTV no Amapá, afiliada à Rede TV!).
- Grupo Floresta (Apenas uma, de suas 16 RTVs no Pará, repete a Rede TV!).
- Rede de Comunicação Regional (RCR) (De suas 19 RTVs no Pará, duas repetem a Rede TV, em Belém e Marabá).
- Por fim, cabe notar que a rede pública de televisão do Tocantins possui 34 RTVs, das quais três repetem a Rede TV!

A presença da Record News na Amazônia

A segunda rede da Record foi criada em 2007 a partir da estrutura existente na Rede Mulher, adquirida pela IURD. São três GTVs e 73 RTVs próprias. Destas, há três na Amazônia: em Belém, Manaus e Macapá. Possui quatro grupos afiliados, um somente sediado na Amazônia, a Rede de Televisão Cidade, que repete a Record News em Vilherna, Rondônia.

A presença da Play TV na Amazônia

Essa empresa, segunda rede do Grupo Bandeirantes e que sucedeu, em 2006, a antiga Rede 21, possui cinco grupos afiliados no cenário nacional e 17 RTVs próprias. Na Amazônia sua presença ocorre somente no estado do Amapá, onde o grupo Beija Flor repete a Play TV em uma RTV.

A presença da MTV na Amazônia

A empresa, pertencente ao Grupo Abril e fundada em 1990, possui 44 RTVs próprias, duas delas na Amazônia, uma em Belém e outra em Manaus. Em nível nacional, a MTV possui sete grupos afiliados, dois dos quais estão no Pará:

- Grupo Ponta Negra (Doze RTVs no Pará, das quais cinco repetem a MTV).
- Rede de Comunicação Regional (RCR) (Repete a MTV em quatro de suas 19 RTVs situadas no Pará).

A presença da Rede União na Amazônia

A empresa, sediada no Ceará e controlada pela família Bardawill, possui 57 RTVs próprias, das quais nove no Acre, três no Tocantins e uma em Rondônia. Também possui sete grupos afiliados, dos quais apenas um está na Amazônia, a Rede de Comunicação Regional (RCR), do Pará, que repete a Rede União em uma de suas 19 RTVs.

A presença da CNT na Amazônia

A Central Nacional de Televisão (CNT) possui, em nível nacional, quatro GTVs e 62 RTVs, nenhuma delas no espaço amazônico. Porém, quatro dos sete grupos regionais afiliados por ela, são empresas amazônicas:

- Grupo Eraldo Trindade (Repete a CNT em uma de suas quatro RTVs no Amapá).
- Sistema Dissica de Comunicação (Possui uma única RTV, em Manaus, que repete a rede).
- Grupo Boa Sorte (Repete a CNT através de uma de suas quatro RTVs situadas no Tocantins).
- Sistema de Comunicação Araguaia (Possui quatro RTVs no Pará, todas elas repetindo a CNT).

A presença da RBT na Amazônia

A Rede Brasil de Televisão (RBT) é controlada pela Igreja Apostólica Renascer em Cristo. De suas 20 RTVs próprias, duas estão no Tocantins e uma no Acre.

- Grupo Bardawill (O grupo controla a rede União, mas repete o sinal da RBT em uma de suas nove RTVs, no Acre).
- Rede de Comunicação Regional (RCR) (Repete a RBT em duas de suas RTVs, no estado do Tocantins).

A presença da Rede Aparecida na Amazônia

A Rede Aparecida, uma das quatro redes de televisão ligadas à Igreja Católica, possui 18 RTVs, três das quais na região Norte, em Belém, Manaus e Palmas.

A presença da Rede Vida de Televisão na Amazônia

Controlada pela Organização Monteiro de Barros, a Rede Vida é considerada a maior rede de televisão católica do mundo. Possui 13 veículos e 445 RTVs próprias, das quais 15 no Pará, nove no Amazonas, sete no Tocantins, cinco no Acre, quatro em Rondônia, uma em Roraima e uma no Amapá. Há três grupos afiliados à rede, um deles na região, no estado do Pará: a Fundação Educadora de Comunicação, que repete o sinal da Rede Vida na sua RTV localizada em Santarém.

A presença da Rede Canção Nova na Amazônia

A rede é controlada pela Fundação João Paulo II. De suas 268 RTVs próprias, possui oito na região, sendo três no Amazonas, duas no Pará, duas no Acre e uma no Tocantins.

A presença da Rede Gazeta na Amazônia

A Rede Gazeta, controlada por Fundação Cásper Líbero, possui 44 RTVs próprias. Seu sinal é reproduzido por cinco grupos, dois deles na Amazônia, ambos no estado do Pará: o grupo Rauland, que repete a Gazeta na sua RTV em Belém e a Rede de Comunicação Regional (RCR), que repete a Gazeta na sua RTV em Marabá.

A presença da Rede Gazeta na Amazônia

Rede Nazaré de Comunicação, controlada pela Arquidiocese de Belém do Pará. Possui uma GTV em Belém, cabeça de um sistema com 79 RTVs próprias.

A presença da Rede Gazeta na Amazônia

A Rede Internacional de Televisão (RIT TV), controlada pela Igreja Internacional da Graça de Deus. Possui 92 RTVs, quatro delas na Amazônia, sendo duas no Pará e duas no Acre.

A presença da Rede Boas Novas na Amazônia

A Rede Boas Novas, controlada por Igreja Evangélica Assembleia de Deus, possui três GTVs, em Belém, Manaus e Porto Velho. Possui 88 RTVs, das quais 69 estão na região Norte e 19 se situam em outros estados brasileiros. Porém, nem todas essas retransmissoras repetem o sinal da própria rede. Das 69 RTVs amazônicas do

grupo, 44 repetem a própria RBN, 27 a Rede TV! e uma a Empresa Brasileira de Comunicação (ECB).

A presença da Rede Século 21 na Amazônia

Controlada pela associação cristã Associação do Senhor Jesus, o grupo possui 16 RTVs, uma das quais no Acre.

Outras redes de televisão brasileiras não possuem uma presença sistêmica (por meio da afiliação de grupos) na Amazônia. É o caso da Rede Família de Comunicação; da Sesc TV; da Rede Gospel, a segunda rede controlada pela Igreja Apostólica Renascer em Cristo; da Rede Gênesis, controlada pela Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra; a Rede Mundial de Televisão, controlada pela Legião da Boa Vontade; a Rede Diário, controlada por Sistema Verdes Mares de Comunicação; a Rede Mercosul de Comunicação; a Shop Tour TV; a Rede Nova Geração de Televisão; a MixTV – Canal Brasileiro da Informação, controlada pelo Grupo Objetivo. Por fim, é preciso esclarecer que os grupos regionais não constituem a integralidade do universo da TV aberta.

Além deles há diversas repetidoras de televisão, algumas privadas, outras públicas, que repetem o sinal das grandes redes nacionais ou mesmo, eventualmente, dos grupos regionais. Por exemplo, no estado do Pará há numerosas outorgas de exploração de serviço de radiodifusão concedidas a prefeituras municipais. Mesmo com o direito de produzir conteúdo próprio, essas emissoras, quase sempre, apenas reproduzem o sinal das redes.

Neste artigo, considerando nosso objetivo de descrever a relação entre os grupos regionais e as redes nacionais, não nos referimos a essas pequenas empresas de comunicação. Entretanto, é importante referir sua existência, para que não se crie a impressão de que somente os grupos transmitem o sinal das redes. Efetivamente, há uma miríade de pequenas empresas e, além disso, em várias ocasiões, elas desenvolvem algum papel na engrenagem da economia política dos estados e da própria região, à medida que se unem a projetos dos diversos grupos regionais.

Discussão

A partir dessa cartografia das redes e grupos presentes no sistema de comunicação da região amazônica, gostaríamos de fazer três observações, centradas na forma como se dá a relação entre esses agentes, no campo midiático regional. Todas elas procuram compreender como se estruturam, dialeticamente, as relações entre rede e grupo, na Amazônia.

A primeira observação decorre do fato de que é mínima a presença de veículos próprios, na região, por parte das grandes redes de comunicação. Apenas SBT

e Record possuem geradoras próprias, ambas sediadas em Belém. Todas as demais geradoras pertencem aos grupos locais, que entram em rede conforme suas relações de afiliação. Essa lógica, na verdade, reproduz uma tendência nacional, mas é muito mais evidente na Amazônia do que no restante do Brasil, pois estados como Bahia, Pernambuco, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além do Distrito Federal, possuem diversos veículos pertencentes às grandes redes nacionais. O fato, por si só, indica a condição periférica da região, no cenário nacional, mas também indica, por outro lado, a tendência de confrontação entre periferia e centro, na medida em que a periferia não é formada por um vazio não cupado, mas por agentes locais múltiplos, os quais constroem sua própria centralidade social e econômica nesse espaço. Assim, aquilo que, do ponto de vista da indústria midiática hegemônica, é periférico, constitui, na dialética local, uma experiência de centralidade, gerando formas de ação tendentes ao conflito.

A segunda observação estruturante diz respeito ao aspecto fragmentário na estrutura empresarial da maioria dos grupos regionais. É absolutamente comum encontrar grupos, mesmo muito pequenos, afiliados a diferentes redes nacionais. Um grupo como a paraense RCR, por exemplo, possui 19 RTVs e está afiliada a nada menos que a oito redes diferentes: Globo, Record, SBT, Rede TV!, MTV, Gazeta, RBT e União. Como esperar de um grupo, nessa circunstância, alguma coerência em relação aos interesses de uma determinada rede?

A terceira observação, enfim, se refere às variações regionais da estrutura de grupo. Enquanto o estado do Pará possui uma cena extremamente fragmentária, marcada por uma intensa competição entre os grupos, o restante da região tende à concentração, com um número menor de grupos e padrões mais afinados com a lógica sistêmica nacional.

A dialética entre redes e grupos na Amazônia conforma, como dissemos, uma relação de poder cuja forma sistêmica possui duas variáveis, uma nominal e ideal e outra prática. A variável nominal corresponde ao poder de concentração e de reverberação da lógica dos grandes grupos nacionais, estruturadores das redes de comunicação. Por sua vez, a variável prática corresponde ao espaço de poder dos grupos e empresas regionais ou locais que partilham interesses com as redes nacionais mas que não, necessariamente, constituem puras extensões dessas redes, possuindo interesses que várias vezes são contrários àqueles das redes às quais se filiam. Essa lógica prática, muitas vezes, constitui-se como uma disputa contra-hegemônica, em relação ao poder das redes.

Duas questões podem ser discutidas a partir dessa visão: 1. quais os elementos sócio-econômicos que motivam o confronto entre redes e grupos?; 2. de que maneira ocorre essa disputa – ou melhor, quais as práticas do campo midiático que permitem a disputa hegemônica, a ação contra-hegemônica?

Na verdade, veremos que as duas questões convergem para um mesmo padrão de ação prática, pois a disputa hegemônica, no campo midiático, tende a se dar conforme a capacidade dos agentes sociais envolvidos, de articularem os elementos sócioeconômicos presentes no confronto entre redes e grupos.

Os interesses em questão são econômicos, políticos e, algumas vezes, ideológicos. Econômicos porque envolvem espaço de mídia: a veiculação de publicidade nos horários comerciais e a utilização de espaço de programação por meio da modalidade da sub-locação. Os grupos e empresas afiliadas às grandes redes pressionam, permanentemente, para possuírem espaço de programação próprio. Na verdade desejam alugar esse espaço para terceiros, gerando uma fonte de renda complementar para a empresa de comunicação que, não poucas vezes nos municípios menores, pode ser superior à própria renda da veiculação publicitária. No campo político, a disputa se dá de maneira intensa, recorrente. É comum que a lógica da política partidária dos municípios, e mesmo dos estados, não siga a mesma lógica político-partidária da grande cena nacional. Coligações e alianças políticas nacionais, endossadas pelas redes, se desfazem, ou não chegam a se concretizar, nos múltiplos planos locais.

O próprio espectro ideológico dos partidos varia grandemente, conforme situações conjunturais. Essa variação envolve as empresas e grupos de comunicações, atores privilegiados dos embates políticos regionais e municipais, levando-os a construir posições políticas editorializadas, que desconstruem a lógica argumentativa das redes, um fenômeno que se dá, muito comumente, no jornalismo local.

Enfim, ainda, é possível perceber uma dimensão ideológica nessa disputa, perceptível quando os grupos regionais e locais se posicionam contra os interesses corporativos evidenciados pelas redes. São múltiplas as questões amazônicas que permitem esse impasse, uma vez que são variados, e, muitas vezes conflitivos entre si, os interesses presentes nos grupos.

A percepção desses problemas, postos pelos interesses dos grupos, é muito evidente para as grandes redes nacionais que possuem veículos próprios na Amazônia. Tivemos oportunidade de conversar com os diretores da Record e do SBT, em Belém – ambos veículos próprios das grandes redes, e não empresas afiliadas – e, ambos, descreveram como difíceis, e mesmo caóticas, as relações com os grupos locais afiliados. Os contratos e os acordos são rompidos diariamente por esses grupos, que cortam o sinal de rede para veicularem seus próprios sinais, procurando maximizar seus espaços comerciais como podem.

Na verdade, os agentes comerciais dessas pequenas e médias empresas tendem a procurar diretamente os grandes anunciantes, inclusive os anunciantes públicos, para articular com eles a venda de espaço de veiculação que não passe pela negociação de rede, para isso oferecendo vantagens, descontos e até mesmo posicionamento editorial favorável ao produto oferecido. Para a mentalidade empresarial das grandes redes, que obedece ao jogo do capitalismo monopolista, essa ação constitui um

ato criminoso de rompimento de contrato. Para os grupos, no entanto, é uma ação legítima de defesa de seus interesses econômicos.

Supomos que esse problema seja minorado, para as grandes redes nacionais, quando, por meio da associação de afiliação, conseguem reduzir a variedade de agentes econômicos com os quais devem negociar. Porém, se essa é uma realidade plausível, por exemplo, nas relações da Rede Globo com suas afiliadas nortistas Rede Amazônica e Organização Jaime Câmara, que possuem imenso número de RTVs próprias – 191 e 149, respectivamente –, é uma relação que está longe de acontecer em relação às suas afiliadas no estado do Pará, as Organizações Rômulo Maiorana e a Rede Tapajós, que possuem um baixíssimo número de RTVs, 19 e 12, respectivamente, e que baseiam a repetição de seu sinal num intrincado jogo de utilização, comercial ou não, de sinais de empresas locais, privadas e públicas.

Por meio dessa cartografia e dessa síntese crítica da situação observada, esparramos ter contribuído para uma compreensão inicial da cena midiática presente na região amazônica. As muitas situações conflitivas percebidas expõem uma tensão na estrutura do sistema nacional das grandes redes de televisão; tensão essa que traduz os dinamismos presentes nas formas atuais da ocupação do espaço midiático e que permite a compreensão dos elementos socioeconômicos interpostos pelos espaços periféricos.

Fábio Fonseca de Castro
Pesquisador da Universidade Federal do Pará
fabio.fonsecaCastro@gmail.com

Nota

1. Este trabalho foi apresentado na Jornada de Pesquisa ALAIC – Países Amazônicos, em Belém, outubro de 2011.

Referências bibliográficas

- BOLAÑO, C. *Qual a lógica das políticas de comunicação no Brasil?* São Paulo: Paulus, 2007.
- BRITTOS, Valério Cruz (Org.). *TV Digital, economia política e democracia*. São Leopoldo: Unisinos, 2010.
- DONOS DA MÍDIA. Website. Consultado em: <http://donosdamidia.com.br/>, a 28/09/2011.
- RODRIGUES, A. D. *Estratégias da comunicação, questão comunicacional e formas de sociabilidade*. Lisboa: Presença, 1990.
- ROSA Ana Maria Oliveira e BARBOSA, Rafaela Chagas. Discussões de economia política na área da comunicação brasileira. In: BRITTOS, Valério Cruz (Org.) *TV digital, economia política e democracia*. São Leopoldo, Unisinos, 2010. p. 199-214.

Resumo

O artigo intenta, primeiramente, um mapeamento das redes e dos grupos de comunicação presentes na região Amazônica. Procura-se discutir, a partir desse mapeamento, os conflitos de interesse presentes nas relações de afiliação, dos grupos locais, às grandes redes de comunicação nacionais. Nossa intenção é demonstrar as microdisputas hegemônicas presentes nessa relação, discutindo as limitações na interpretação do modelo sistêmico das redes de comunicação enquanto fluxo verticalizado, caracterizado pela regularidade das relações de poder.

Palavras-chave

Televisão; Amazônia; Redes; Grupos de comunicação.

Abstract

The article attempts, first, a mapping of networks and communication groups present in the Brazilian Amazon region. It seeks to discuss, from this mapping, some conflicts of interest present in the relations between local groups and the national communication networks. Our intention is to demonstrate the hegemonic microdisputes present in this relationship, discussing the limitations in the interpretation of the systemic model of communication networks while vertical flow, characterized by regularity of power relationships.

Keywords

Television; Amazon; Networks; Groups of communication.